

Meu nome é ébano

A VIDA E A OBRA DE

LUIZ MELODIA

TORDESILHAS

TONINHO VAZ



**TONINHO
VAZ**

TORDESILHAS

Meu nome é ébano

A VIDA E A OBRA DE

LUIZ MELODIA



A Roberto Muggiati

SUMÁRIO

ESTÁCIO, EU E VOCÊ	9
1 MORRO DE SÃO CARLOS <u>A montanha mágica</u>	15
2 NEGRO GATO <u>A vida no morro e além</u>	21
3 O FATOR GAL COSTA <u>O dia da criação</u>	41
4 A VOZ DO MORRO <u>Uma oitava acima</u>	65
5 MARAVILHAS CONTEMPORÂNEAS	87
6 REFÉM DO PRAZER <u>Música, amor e poesia</u>	99
7 MICO DE CIRCO <u>Estilo marginal</u>	111
8 POESIA SEMPRE <u>E algumas folhas de hortelã</u>	127
9 UM CAPÍTULO À PARTE <u>De volta às paradas</u>	149

10 14 QUILATES	<u>O jardim de Manoel de Barros</u>	159
11 OUTRO CAPÍTULO À PARTE	<u>Teatro Rival</u>	173
12 GRANDES NAVEGAÇÕES	<u>A expansão do universo</u>	185
13 CINEMA FALADO	<u>Na frente das câmeras</u>	217
14 O RECOMEÇO	<u>Eterno como o universo</u>	231
15 NINGUÉM MORREU		247
16 QUILATES DE LUIZ MELODIA		255
DISCOGRAFIA		273
AGRADECIMENTOS		283
CRÉDITOS DAS IMAGENS		285
ÍNDICE ONOMÁSTICO		287

ESTÁCIO, EU E VOCÊ

Ele não gostava de ser chamado de Melodia. Preferia Luiz, simplesmente. E detestava a forma reduzida Melô, frequentemente usada para simular intimidade. Mas aceitava com bom humor o Melódia, como o chamava o guitarrista, parceiro e amigo Renato Piau. O apelido foi herdado do pai, Oswaldo Melodia, que trabalhava no cais do porto e era músico amador da favela de São Carlos, no Estácio. Nome oficial: Luiz Carlos dos Santos.

No final dos anos 1970, já vivendo no Rio, tive dois amigos que contavam histórias curiosas sobre Luiz Melodia e a turma do Estácio: o poeta Waly Salomão (a quem se atribui, ao lado do piauiense Torquato Neto, a descoberta do talento) e o jornalista Luís Carlos Cabral, meu colega nas redações, que conviveu com a turma do Estácio “antes do sucesso” de Luiz Melodia. Como turma do Estácio leia-se Renault, suas irmãs Rose e Rubia Matos (está na capa do primeiro livro de Waly, *Me segura que vou dar um troço*), Betinho, Mizinho, Hugo, Charrão, Zequinha (passista da escola de samba do Largo do Estácio), Coelho, Lelo, Zeca da Cuíca, Nelson Galinha e outros. Um bando. Eram jovens e legítimos representantes do morro de São Carlos – e alguns tiveram fim trágico. No caso específico de Luiz, o talento musical nato fez o papel de anjo da guarda, iluminando o seu caminho.

Conversei apenas uma vez com Luiz Melodia, uma conversa fugaz, porém eternizada pela gravação e pelas fotos que registraram o momento. Foi no palco do saudoso Canecão, em outubro de 2003, onde ele passava o som com a banda, horas antes do show *Perfil*, no qual cantava salmos com as irmãs e sobrinhas mais novas, um tributo à família e ao morro de São Carlos. Seu sucesso na música brasileira já estava então consolidado. Fui entrevistá-lo para a biografia do poeta Torquato Neto, que seria publicada dois anos depois. Com calma natural e tranquilidade, Luiz respondeu minhas perguntas ali mesmo, em pé, no palco. Deu crédito a Torquato como seu “descobridor” por escrever os primeiros artigos sobre ele na coluna Geleia Geral, publicada no jornal *Última Hora*. Mais tarde, Luiz mostraria esse mesmo reconhecimento pelo jornalista Daniel Más, que dera atenção a ele na imprensa paulistana quando ainda era desconhecido. Na conversa comigo, falou das dificuldades no início da carreira e da desavença circunstancial com o tropicalista Torquato. Destacou a importância de Gal Costa na sua vida de músico, chamando-a de “minha musa”.

Foi o guitarrista Renato Piau, outro piauiense, quem facilitou o meu encontro com Luiz, de gravador em punho, no templo sagrado da MPB, o palco mais famoso do *show business* carioca. Quando isso aconteceu, eu já era admirador de seu trabalho; aliás, admirava-o desde o primeiro disco, aquele em que aparece sentado em uma banheira, com as pernas cruzadas, cercado por grãos de feijão, o *Pérola negra*:

BABY TE AMO NEM SEI SE TE AMO

Nunca fui crítico musical, mas, como apreciador de artes e artimanhas, tornei-me jornalista da área cultural desde cedo, em Curitiba. Portanto, aprecio música, livros, quadrinhos, cinema, TV e quejandos. E tenho opinião. Sempre identifiquei Luiz Melodia na linhagem da MPB como uma voz carioca, um

maneirismo carioca, um poeta carioca. (Os críticos dizem que ele e Jorge Ben Jor criaram o samba-rock.) Sua elegância visual e musical sempre foi um atrativo nas suas *performances* de rua ou de palco, como constatou a consultora de moda Glorinha Kalil na revista *Caras*. Ela escolheu Luiz como um dos cinco homens mais elegantes do Brasil. “Foi o único artista da minha lista, que tinha empresários e paulistanos consagrados, em 1993.” Segundo Glorinha, “Melodia tinha uma elegância natural”.

Seu carisma revelou-se precocemente. Ainda no final dos anos 1970, por algum tempo, fomos vizinhos em Santa Teresa, o nosso bairro boêmio. Ele e sua inseparável Jane Reis – com todo o respeito, a moça de calcinha preta (tão bonita quanto sensual) eternizada na música “Cara a cara”, parceria musical com Renato Piau.

Não era de comportamento rígido ou exemplar, posso garantir – muitas vezes foi chamado de abusado e folgado –, mas Luiz Melodia era discreto, evitava badalação social e conversas com estranhos. Também sabia ser marrento com os inoportunos. Quando em ambiente adequado, porém, pegava o violão e cantava durante horas, com dedicação e prazer. Foi assim numa noite no aniversário da atriz Letícia Sabatella, quando cantou em pé, na sala, exibindo seu talento para os presentes. O mesmo aconteceu durante uma noitada boêmia em Paris, quando, ao apagar das velas, conquistou a plateia de um bar cantando “Juventude transviada” a plenos pulmões. Sua entrega à música era admirável; gravou 146 canções. Quando lhe perguntavam quais músicos tinham sua preferência e admiração, respondia sem vacilar: “Caetano Veloso. E, depois dele, eu”.

A partir de 2003, quando estava fazendo a pesquisa para a biografia de Torquato, me tornei amigo e parceiro de Renato Piau, para quem escrevi no mesmo ano o verbete do CD *Blues do Piauí*, seu disco solo. Renato trabalhou 35 anos com Melodia, desde o primeiro disco, *Pérola negra*, até o último trabalho, a gravação da abertura da Olimpíada de 2016, com “Aquele abraço”, de Gilberto Gil.

Nesse processo, reencontrei Luiz Carlos Bettarello, amigo e médico de Torquato e depois de Luiz Melodia. Ele conheceu a turma quando ainda estudava medicina homeopática no Rio, no único curso que havia da especialidade. Bettarello foi chamado várias vezes, em caráter emergencial, para atender os “meninos” quando eles exageravam na dose. Montava pequenas UTIs na sua casa de solteiro, no Humaitá, com pedestal de soro e gavetas repletas de injeções de glicose e afins. Virou amigo, daqueles capazes de convidar a turma para assistir à passagem do cometa Halley em sua fazenda no interior de Minas. Assim, entrevistei o doutor Bettarello sobre seus dois pacientes ilustres, talentosos e abusados.

Merece destaque nesta biografia o encontro de Luiz Melodia com o poeta Manoel de Barros, cuja obra Millôr Fernandes definiu como “rica e inaugural, o apogeu do chão”. Melodia também fazia versos simples na construção, vasculhando o chão. Ambos tinham dicção poética semelhante, com temáticas ingênuas e desconcertantes pela simplicidade. O encontro deles teve como moldura o casamento de Renato Piau com Martha de Barros, filha do poeta mato-grossense, e renderia um disco importante na carreira de Luiz, batizado a partir de um poema de Manoel no qual ele colocou melodia: *Retrato do artista quando coisa*.

Da remandiola de pesquisas sobre Luiz Melodia surgiria a parceria natural com Jane Reis e Renato Piau, que vem justificar o nosso esforço, a partir desta biografia, para registrar, revigorar e eternizar a obra do filho do seu Oswaldo. Fui investido de toda a liberdade para trabalhar, questionar e interpretar a vida do meu biografado. Esforço recompensado pela revelação de músicas, textos e fotos inéditas, agora colocados à disposição da crítica e do público admirador de Luiz Melodia, o poeta do Estácio.

Uma história que começa em vinil, passa pelo CD e termina no *streaming*, a nuvem sonora da era digital.

TONINHO VAZ

ÉBANO:

Árvore do gênero

DIOSPYROS,

MADEIRA NOBRE

ou de QUALIDADE,

geralmente

MUITO ESCURA.

MORRO DE SÃO CARLOS

A montanha mágica

Berço do samba carioca, o morro de São Carlos fica incrustado no bairro do Estácio, na Zona Norte do Rio de Janeiro, espremido entre os bairros do Catumbi, do Maracanã, do Rio Comprido e da Cidade Nova (antigo Mangue). Sua formação remonta à era colonial. Inicialmente, era chamado de morro de Santos Rodrigues, numa referência à família proprietária da chácara e da capela que havia no local. Era uma área destinada à criação de gado e à plantação de cana. Com o passar do tempo, os herdeiros do proprietário decidiram vender terrenos aos imigrantes, promovendo algo parecido com um loteamento. Em terras devolutas, portanto, nascia um bairro chamado Estácio, em homenagem ao português alentejano Estácio de Sá, fundador e primeiro governador da capitania do Rio de Janeiro entre 1565 e 1567, ano de sua morte.

O Estácio acabaria ganhando contornos definitivos durante a administração do prefeito Pereira Passos, que em 1902 ordenou a demolição de vários cortiços e vielas com o objetivo de modernizar a área. Novas ruas foram abertas. Nessa mesma época, e por esse mesmo motivo, teve início a ocupação do morro de São Carlos e sua encosta. Os primeiros moradores foram famílias de imigrantes italianos; depois chegaram os desalojados da parte baixa ou pessoas oriundas de outras regiões

e bairros da cidade, inclusive do morro do Castelo, demolido em 1920 para permitir a abertura da Avenida Rio Branco. Pela proximidade com o Mangue, a zona de meretrício, o morro também foi procurado por malandros, rufiões e gigolôs. Várias colônias de descendentes de escravos de diversas nações africanas, como banto e iorubá, formaram-se no morro. Apesar da urbanização visivelmente caótica, não era ainda uma favela. Como se dizia, era “um rico caldeirão cultural”. O empresário Roberto Marinho, das Organizações Globo, nasceu na parte baixa do Estácio.

No Estácio nasceu também a primeira escola de samba do Brasil, a Deixa Falar, fundada como bloco carnavalesco em 1928 pelo consagrado compositor e boêmio Ismael Silva. Era a reunião democrática de alguns “blocos de sujos” que saíam no Carnaval. Embora tivesse nascido em Niterói, Ismael fazia parte de um grupo seleta de bambas, como Heitor dos Prazeres, Bide e Marçal, que em 1955 acabariam fundando a Unidos de São Carlos, esta, sim, uma escola de samba clássica, a primeira delas. Consta que Ismael foi o primeiro a usar a expressão “escola de samba”.

Foi nesse ambiente impregnado de música e Carnaval que o jovem Oswaldo dos Santos, o pai de Luiz, veio parar, no final dos anos 1930, depois de sair de sua cidade natal, Bom Jesus de Itabapoana, no norte do estado. Segundo o documento oficial de Oswaldo, a cidade fica no Espírito Santo, mas isso não é verdade. Bom Jesus de Itabapoana fica no lado fluminense da fronteira; do lado capixaba está Bom Jesus do Norte.

Antes de chegar à “bela cap”, Oswaldo passou algum tempo em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, onde conheceu Eurídice Rosa de Oliveira, com quem se casou e teve quatro filhos: Luiz Carlos, Marize, Raquel e Vânia, nessa ordem. Eurídice já tinha uma filha pequena, Jaciara, de um relacionamento anterior. A menina, por total conveniência de todos, ficou morando para sempre na casa da avó Sofia, no bairro de Jacarezinho. A avó Sofia vivia com outro filho, Estoezel, a

pessoa que de fato criou a pequena Jaciara junto com suas filhas, Mônica e Simone, que viriam a ser as primas mais queridas de Luiz. Elas costumavam visitar os tios no morro de São Carlos e para o resto da vida se mantiveram próximas ao primo. Já a família de Oswaldo continuou para sempre afastada, no Espírito Santo.

Aproveitando a oferta de terrenos no morro de São Carlos na década de 1940, Oswaldo decidiu concentrar esforços para construir uma casa básica, na Rua Nova, 21, no meio do morro. A região tinha um estigma: era próxima à Casa de Correção criada pelo governo imperial de dom Pedro II em 1850. Era a mais antiga cadeia brasileira, ou a primeira escola carioca de malandragem. Um século depois a prisão seria reformada, ampliada e rebatizada como Penitenciária Professor Lemos de Brito, mais conhecida como Cadeia da Frei Caneca, homenagem ao líder religioso pernambucano Joaquim da Silva Rabelo. Havia um pórtico imponente na entrada, de pedra maciça.

Originalmente, a penitenciária ficava no Caminho do Mata-Porcos, e não seria exagero dizer que desde o início fez parte da comunidade do São Carlos, pois muitos funcionários e agentes penitenciários moravam em suas vielas, e os rapazes do morro costumavam jogar futebol no campo do presídio.* Os garotos mais jovens, impedidos de entrar no recinto, criaram um campinho de futebol no Manicômio Judiciário Heitor Carrilho, que ficava em terreno próximo. Nesse complexo havia ainda um estande de tiros da PM, com intensa movimentação de policiais fardados, quase todos moradores do morro. Do

* É longa a lista de moradores ilustres da cadeia da Frei Caneca: o escritor Graciliano Ramos, que recebia visitas regulares da doutora Nise da Silveira; o chefe da segurança de Getúlio Vargas, Gregório Fortunato, conhecido como “o anjo negro”; o bandido Mineirinho; o ator e compositor Mário Lago; e, mais tarde, os jovens presos políticos do governo militar: Nelson Rodrigues Filho; Alex Polari; o fotógrafo Paulo Jabur e outros militantes do movimento estudantil. A cadeia foi implodida em março de 2010 com o auxílio de 500 quilos de dinamite. Um condomínio residencial surgiu no lugar.

outro lado, à direita de quem sobe pela Rua São Carlos, o acesso principal entre a base e o topo do morro, havia uma enorme pedreira, visível de quase todos os lados.

Como bem definiu um antigo morador, com alguma ironia, “a vida na favela é cheia de altos e baixos”. Outro morador, Norberto Oliveira, o Betinho, 65 anos, nascido no bairro e amigo de infância de Luiz Carlos, explica que a diferença básica no cenário do morro fica por conta das construções antes e depois da favelização: “Antes as casas do morro tinham apenas um pavimento e havia sempre um terreno na frente ou atrás. Ou tinha quintal ou jardim, muitas vezes os dois. Com o passar do tempo surgiram os ‘puxadinhos’ para cima e para os lados, acabando com os espaços de lazer”.

Oswaldo era funcionário público, trabalhava no serviço portuário e ganhava o suficiente para comprar os tijolos e o cimento para começar a obra com a ajuda de alguns amigos. Antes de fechar negócio, mandou a mulher na frente para reconhecer o terreno, fazer uma primeira avaliação. Eurídice foi, viu e aprovou. Era uma localidade conhecida como Atrás do Zinco, mas que seria depois rebatizada como bairro São José Operário. A casa foi construída sem pressa, em várias etapas, e sem semelhança com os modelos convencionais.

Oswaldo era religioso radical e, como o pastor americano Martin Luther King, devoto dos mais fervorosos da Igreja Batista. Era, portanto, avesso às festas profanas – o que incluía o Carnaval. Frequentava a igreja da Rua Frei Caneca com regularidade, onde participava ativamente de cultos e campanhas de caridade. Depois, quando foi transferido para o IASERJ (Instituto de Assistência dos Servidores do Estado), passou a levar para casa caixas e caixas de remédios, amostras grátis para distribuir na vizinhança. Era um carola. Como consequência, nunca permitiu que seus filhos (inclusive Luiz) frequentassem a quadra da escola de samba ou desfilassem na avenida. Era proibido. Ele gostava de música, dominava bem uma viola de quatro cordas, mas não aceitava o Carnaval. Assim era.

Ao longo dos anos, vários moradores ilustres passaram pelo São Carlos, enriquecendo o folclore do morro em sua parte, digamos, glamourosa: Gonzaguinha nasceu lá e cantou o lugar em prosa e verso quando compôs e gravou “É preciso”:

**MINHA MÃE NO TANQUE LAVANDO ROUPA
MINHA MÃE NA COZINHA LAVANDO LOUÇA**

**LAVANDO LOUÇA,
LAVANDO ROUPA,
LEVANDO A LUTA, CANTANDO UM FADO [...]**

**A BOLA CORRENDO NAS PEDRAS REDONDAS DA RUA SÃO CARLOS
DESÁGUA NO ASFALTO DO LARGO DO ESTÁCIO
E O MENINO ATRÁS, OI LÁ
MEU MENINO ATRÁS E VAI
MAIS UM MENINO ATRÁS**

**Ô DINA É PRECISO
OLHAR ESSA VIDA,
ALÉM DESSE FILME DO CINE COLOMBO,
SABER DESSA LAMA NA FESTA DO MANGUE [...]**

Também moraram no São Carlos o folclórico bandido e malandro Madame Satã (que o pessoal do semanário *Pasquim* elevou à categoria de ícone da marginália), o ator Grande Otelo, os compositores Aldir Blanc e Herivelto Martins. Nostalgia de uma época em que, para os rapazes, o perigo de subir o morro era se encantar por uma morena. Ou se apaixonar pela paisagem. O morro de São Carlos era território do bicheiro Mário Naval, um ex-fuzileiro reconhecido como uma espécie de protetor da comunidade, grande investidor da escola de samba quando o tráfico de drogas ainda era incipiente.

Todas as casas tinham um rádio que captava a programação em ondas curtas. Mais tarde surgiram os rádios de pilha.

Quando já era um nome de destaque na MPB, Luiz deixou registrado: “Quando descobri que compunha música com facilidade, apenas em parceria com o violão, o morro de São Carlos foi uma grande fonte de inspiração”.



Melodia canta para a criançada do morro.



Melodia e o parceiro Renato Piau caminham pelo bairro de Botafogo, no Ro de Janeiro (1973).



Acima e abaixo, com o parceiro Renato Piau em show no Canecão, no Rio de Janeiro, em 2008.





Com Hiran, seu primogênito.



Em família, com a irmã Vânia e Hiran.



Jane e Luiz, amor eterno.

“Vindo da maior linhagem dos poetas dos morros cariocas, criou algumas das melodias mais inusitadas e belas – além de escrever letras com imagens incríveis. No palco, um sambista sempre elegante fazendo aquele passo diferente no pé, retorcendo o corpo esguio. E o violão extraordinário que tocava, cheio de acordes e divisões estranhas, pouco comuns? Tudo na cadência bonita do samba.”

JARDS MACALÉ

978 65 5568 030 0

